

Um contestador de vida atribulada¹

Newton Cunha

Filippo Bruno Nolano nasceu, como já o afirma seu próprio nome, em Nola, no Reino de Nápoles, em janeiro ou fevereiro de 1548, filho de Giovanni Bruno, soldado de profissão, e de Fraulis(s)a Savolino. Seu prenome foi escolhido em homenagem ao então herdeiro do trono espanhol, Filipe II. Aprendeu muito cedo a ler e a escrever com um padre de Nola, Giandomenico de Iannello. Em 1562, aos 14 anos, foi levado a Nápoles para ali estudar as então chamadas belas-letras e filosofia, sobretudo lógica e dialética, sob os cuidados de Giovan Colle, dito Il Sarnese, filósofo de tendência averroísta, e de frei Teofilo da Vairano, cuja lembrança Bruno sempre conservou de maneira grata e admirativa.

Três anos depois, entrou para o convento de São Domingos Maior (*San Domenico Maggiore*), só então assumindo o nome de Giordano. Desde cedo, desprezou (sob influência luterana?) o culto a Maria e aos santos, incorrendo numa primeira infração entre os anos de 1566 e 1567. Ordenado subdiácono em 1570 (condição em que assumiu a primeira das ordens sagradas), e diácono no ano seguinte, consagrou-se como sacerdote no início de 1572, celebrando sua primeira missa no convento dominicano de São Bartolomeu, perto de Salerno. Retornou ao convento de São Domingos em meados de 1572, na condição de estudante de teologia. Esses estudos foram concluídos em 1575, com duas teses: *Verum est quicquid dicit D. Thomas in Summa contra Gentiles* e *Verum est quicquid dicit Magister Sententiarum*. Nessa mesma época, numa discussão sobre o arianismo, Bruno expressou dúvidas sobre o dogma da Trindade, o que lhe valeu um segundo processo por parte do superior provincial, como suspeito de heresia.

Por essa razão, Bruno abandonou a cidade e o convento no início de 1576, dirigindo-se a Roma, cidade na qual se hospedou no convento de Santa Maria.

¹ Texto originalmente escrito para a edição das obras italianas de Giordano Bruno pela Editora Perspectiva.

Mas já em abril, abandonou o hábito e partiu para Gênova e, no ano seguinte, para Noli, onde ensinou gramática a filhos da nobreza local. De Noli se foi a Savona e depois a Torino, onde nada encontrou que pudesse “fazer com satisfação”. Prosseguiu sua busca em Veneza, onde fez publicar um certo livreto intitulado *Dos sinais do Tempo* (obra desaparecida). Tendo seguido para Pádua, foi ali convencido por alguns dominicanos a readotar o hábito, ainda que não quisesse retornar à ordem, o que Bruno de fato aceitou. Em 1578, abandonou a Itália na fronteira com a Savoia, dirigindo-se para Lion e depois para Genebra, onde havia uma comunidade italiana evangélica.

Na Suíça, abandonou novamente o hábito e aderiu ao calvinismo (1579), mas tendo sofrido um processo por difamação, aberto pelo professor de filosofia Antoine de la Faye, se reconheceu culpado, fato que o coagiu a partir de Genebra, indo instalar-se em Toulouse, na França. Ali, renegou o calvinismo e chegou a pedir sua absolvição de apóstata do catolicismo a um padre jesuíta, sem êxito. Mas passou a dar aulas de filosofia a escolares, conseguindo, por concurso, o posto de “leitor ordinário de filosofia”, incluindo lições de física, de matemática e de técnicas mnemônicas, a partir de ensinamentos de Raimundo Lúlio (ou Ramón Lull, na grafia catalã). No entanto, quando se reiniciaram na cidade as lutas entre católicos e calvinistas (huguenotes), Bruno achou por bem se transferir para Paris onde obteve o direito de dar “lições extraordinárias”, pois como apóstata não lhe foi permitido praticar um leitorado ordinário. Com suas lições obteve renome, o suficiente para ser convidado à presença do rei Henrique III. Nas palavras do próprio Bruno, “o rei me fez chamar um dia, procurando saber se a memória que tinha e que professava era natural ou por arte mágica; a ele dei satisfação, e com o que lhe disse e provou a si mesmo, soube que não era por arte mágica, mas por ciência” (Documentos Vênetos, IX).

Talvez pelo fato de a realeza francesa ser frequentada por vários intelectuais e escritores, muitos dos quais se mantinham equidistantes das lutas religiosas, como Du Perron e Pontus de Tyard, Bruno foi acolhido com cortesia, tornando-se ainda leitor provisionado, ou seja, aceito como expositor na corte, além de poder publicar as primeiras obras que chegaram até nós: *De umbris idearum*, *Arsmemoriae* (dedicada ao rei), *Cantus circaeus*, *De compendiosa architectura et complemento Artis Lullii* (dedicada ao embaixador de Veneza, Giovanni Moro).

E no início da segunda metade de 1582, Bruno terminou seu único texto teatral, a comédia *Il Candelaio*, cujos eventos e personagens são todos napolitanos.

Mas já no ano seguinte, Bruno decidiu partir para a Inglaterra, muito provavelmente por motivos de reações católicas na França, e assim o fez com uma carta de recomendação do próprio rei Henrique ao seu embaixador no Reino Unido, Michel de Castelnau, e a quem serão dedicadas duas obras aqui traduzidas, igualmente escritas em italiano, como *Il Candelaio*, *A Ceia das Cinzas* e *Da Causa, Princípio e Uno*. Em junho de 1583, fez uma primeira visita a Oxford, como participante da comitiva do conde polonês Albert Laski, aproveitando a oportunidade para um debate com doutores da universidade, sobretudo John Underhill. Voltando a Londres, escreveu à universidade (*Oxoniensis Academiae*), solicitando uma cátedra de leitura, posto que não obteve, embora tenha ali proferido ao menos duas palestras (ou leituras públicas), uma sobre a imortalidade da alma e outra sobre a quádrupla esfera, além de dar início a um curso sobre a teoria copernicana, interrompido na terceira aula, por interferências de autoridades do *New College* e da *Christ Church*. De volta a Londres, junto ao embaixador francês, dedica-se a debates na corte e à escritura de livros, sendo o primeiro deles *Ars reminiscendi*, e logo em seguida *A Ceia das Cinzas*, após uma conversa, em 14 de fevereiro de 1584, com os convidados de Sir Fulke Greville, sobre o movimento da Terra, a teoria heliocêntrica e sua própria concepção cosmológica. A violenta crítica aí inserida à sociedade inglesa e à universidade de Oxford provocou uma reação irada do povo londrino contra os empregados e residentes da embaixada francesa, fazendo ainda com que Bruno perdesse a simpatia de alguns poucos intelectuais ingleses que antes houvera conquistado. Por essa razão, no livro seguinte, *Da Causa, Princípio e Uno*, introduziu um primeiro diálogo em que, atenuando as críticas anteriores, procedeu a uma contida apologia da cultura britânica.

Ainda no mesmo ano, terminou e obteve a publicação de dois outros textos: *Do infinito, Universo e Mundos*, ainda no terreno da cosmologia, e o *Despacho da Besta Triunfante*, de natureza ética e reforma moral. Por fim, em 1585, vieram a lume *A Cabala do Cavallo Pégaso*, sátira moralista, e *Dos Heróicos Furores*, conjunto de dez diálogos sobre, de um lado, a necessidade e a alegria da consciência da união da alma com o Uno (esse esforço intelectual pelo “amor

elevado” consiste justamente no “furor heroico”) e, de outro, sobre a poética renascentista, com críticas à normatividade aristotélica.

Em fins de 1585, Bruno retornou a Paris juntamente com o embaixador Castelnau, travando conhecimento com outros italianos ali residentes, mas dois acontecimentos que bem demonstram a acidez do filósofo tornaram difícil sua permanência em Paris. O primeiro deles foi a publicação de um livreto sobre a demonstração pública realizada pelo geômetra Fabrizio Mordente com seu “compasso de redução”, *Dialogi duo de Fabricii Mordentis Salernitani prope divina adinventione*, obra aparentemente laudatória, mas de fato satírica, tendo em vista a concepção mecânica de natureza exposta por Mordente. Seguiu-se uma polêmica verbal com o autor, protegido do conde de Guise (chefe da *Sainte Union* antiprotestante), e Bruno fez divulgar dois outros folhetos a respeito: *Idiota triumphans* e *De somnii interpretatione*. Quase ao mesmo tempo, Bruno envolveu-se numa disputa com leitores reais do *Collège de Cambrai*, atacando a física aristotélica, mas por intermédio de um jovem, J. Hennequin. Retrucado por um dos presentes, o advogado R. Callier, Bruno não tomou a defesa do discípulo, mantendo-se estranhamente em silêncio para um polemista inato.

Tendo abandonado Paris em meados de 1586, Bruno dirigiu-se à Alemanha, inscrevendo-se na universidade de Marburg como *theologiae doctor romanensis*. Mas devido ao seu indifarável antiaristotelismo, foi-lhe negada permissão para leituras públicas, fazendo com que o filósofo se mudasse para Wittenberg, em cuja universidade foi aceito como *doctor italicus*, ali permanecendo por cerca de dois anos. Durante sua estada em Wittenberg, publicou obras em latim, como *De lampade combinatoria Iluliana*, *De progressu et lampade venatoria logicorum* e as teses apresentadas anteriormente por Hennequin em Paris, *Centum et viginti articuli de natura et mundo adversus peripateticos*, precedidas por um artigo elogioso ao discípulo francês. Em março de 1588, Bruno despediu-se da universidade logo após o novo duque de Wittenberg, Christian I, ter proibido ataques ou polêmicas contra as doutrinas aristotélicas.

A atitude de moderação do rei Rodolfo II, da Tchecoslováquia, parece ter contribuído para atrair a curiosidade de Bruno que se dirigiu a Praga, onde permaneceu até o início do outono. Durante sua estada, publicou alguns livretos, entre eles *Articuli centum et sexaginta adversus huius tempestatis mathematicos atque philosophos*, dedicado ao imperador, o que lhe valeu uma doação imperial

de trezentos talares. De Praga foi a Helmstedt, na Alemanha, onde acabara de ser fundada uma Academia Luliana, na qual se registrou em janeiro de 1589, permanendo na cidade até abril do ano seguinte. Nesse ínterim, escreveu as obras ditas de “magia”, entendendo-se por esse termo as forças naturais ainda ocultas e a serem desvendadas para uso prático: *De magia, Theses de magia, De magia mathematica, De rerum principiis et elementis et causis*.

Em junho de 1590 já se encontrava em Frankfurt com a intenção de publicar suas obras de poética latina sobre filosofia natural e de concepção atomística. Embora o senado da cidade tenha indeferido seu pedido para alojar-se em casa do impressor Wechel, este conseguiu que se instalasse num convento de carmelitas. As três obras foram publicadas em 1591: *Detriplici minimo et mensura, De monade, numero et figura, De innumerabilibus, immenso et infigurabili*. No mesmo ano, Bruno partiu para Zurique, onde deu aulas de filosofia escolástica e, por um breve período, retornou a Frankfurt a fim de fazer imprimir *De imaginum, signorum et idearum compositione ad omnia inventionum*, livro dedicado a um amigo de Zurique, J.H. Heinzel. No transcurso dessa segunda estada em Frankfurt, Bruno recebeu uma carta de seu amigo Giovanni Mocenigo, convidando-o a vir à Itália com o intuito de ensinar “a arte da memória e da inventiva”. Quaisquer que tenham sido os motivos para a aceitação do convite, a imprudência se lhe revelou completamente funesta.

Tendo passado rapidamente por Veneza, Bruno dirigiu-se a Pádua onde deu algumas aulas a estudantes alemães, regressando três meses depois a Veneza. Em meados de maio de 1592, confidenciou ao frade dominicano Domenico da Nocera o desejo de permanecer na Itália e escrever um livro dedicado ao novo papa Clemente VIII, tendo em mira transferir-se para Roma. Mas na noite do dia 22, Mocenigo deteve Bruno por sua própria iniciativa e no dia seguinte o denunciou por heresia ao inquisidor da província do Vêneto, frei Gabriele da Saluzzo. Nove meses depois, foi transferido a Roma, recebendo seguidamente novas denúncias de seus inquisidores. Em 8 de fevereiro de 1600, veio a sentença final, com as acusações de “herético impenitente, pertinaz e obstinado”. No dia 17, foi levado ao Campo dei Fiori, posto a nu, amarrado a um pau e queimado vivo.

Para o filósofo, o conhecimento humano das causas naturais se depara, inevitavelmente, com um impedimento ou obstáculo intrínseco, *un intoppo*. É que

ele só pode se dar por meio de “sombras”, de “rastros” ou de “vestígios”. A natureza estaria dotada, inicialmente, de uma “alma do mundo”, cuja principal faculdade seria a de um intelecto universal, princípio formal daquilo que possa conter o universo – a potência de fazer, de produzir e criar; ao mesmo tempo, seria constituída pela matéria, ou seja, a potência de ser feita, produzida e criada. Ambos esses princípios, o formal e o material, não se separam, pois “o todo é uno”. Daí uma conclusão com a qual Spinoza certamente concordou: Deus não está fora da matéria, mas dentro dela, dentro das coisas e, portanto, dentro de nós. Ontologicamente, o Deus de Bruno não transcende a natureza, pois lhe é imanente; e sim gnoseologicamente, na qualidade de objeto de conhecimento. Mas nesse domínio, Deus é praticamente inexplicável para o entendimento. Num dos últimos diálogos d’*Os Heroicos Furores*, entre várias outras passagens, pode-se ler: “... a mais elevada cognição das coisas divinas seja por negação e não por afirmação, sabendo-se que a beleza e a bondade divinas não podem submeter-se e não caem sob o nosso conceito; mas aquilo que está muito além de nossa compreensão e maximamente no estado chamado pelo filósofo de ‘especulação de fantasmas’ e pelo teólogo de ‘visão por semelhança especular e enigma’. Pois, na verdade, não vemos os efeitos nem a espécie verdadeira da coisa, nem a substância das ideias, mas suas sombras, vestígios e simulacros, como aqueles que se encontram dentro da caverna e têm, desde o seu nascimento, as costas voltadas para a entrada da luz e a face oposta ao fundo, de sorte que não veem o que se encontra verdadeiramente fora da caverna”.

Outra preocupação constante do filósofo foi a necessidade de uma reforma moral para que a convivência humana, submetida à Sabedoria e suas filhas, que são a Verdade e a Lei, fosse exercida de modo ao mesmo tempo livre, produtivo e pacífico. Daí o conteúdo de seus exórdios em obras como *Despacho da Besta Triunfante* e *Dos Heroicos Furores*. Envergonhado com o proceder da raça humana, “pior do que o de nossos sátiros e faunos”, “que a tudo corrompe e aniquila”, Júpiter decreta a reforma das constelações, que regeriam a ação dos homens, e exige da Sabedoria: “que fosse rigorosa para com as coisas que, como primeira e causa principal, lhe foram ordenadas, isto é, o que concerne à comunhão dos homens e à conversação civil, a fim de que os poderosos sejam sustentados pelos fracos, os débeis não sejam oprimidos pelos mais fortes, os tiranos sejam depostos, os governantes justos reconhecidos e confirmados, as

repúblicas sejam favoritas, a violência não inculque a razão, a ignorância não despreze a ciência, os pobres ajudados pelos ricos, que as virtudes e os estudos úteis e necessários ao bem comum sejam promovidos e avancem, e ainda exaltados os que façam deles bons proveitos, e que os desidiosos, os avaros e egoístas sejam considerados vis e desprezados. Que se mantenha o temor e o culto para com as potências invisíveis, honra, respeito e temor para com os que governam; que ninguém seja proposto à soberania caso não seja reconhecido superior em méritos, por virtude e engenho, com o qual prevaleça, ou já por si próprio, o que é raro e quase impossível, ou com ajuda e conselho de outros, o que é mais comum e necessário”. No entender de Nuccio Ordine (*O Umbral da Sombra*, Perspectiva, 2003), um dos maiores especialistas da obra bruniana, “Júpiter compreende que a profanação dos altares e a degradação dos cultos empurra os homens para o abismo da *feritas*. Perdendo sua função natural, os estatutos divinos (aquilo que de mais elevado possa estabelecer o homem) não servirão mais para criar heróis, mas acabarão por encorajar comportamentos e atitudes bestiais. Deter essa degradação significa, antes de tudo, restabelecer virtudes perdidas em lugar de vícios disseminados” (pg. 103). Há mais de quinhentos anos a necessidade de tal reforma continua imprescindível e, muito provavelmente, impossível de ser realizada, seja pela religião ou pela ciência, pela arte ou pela política.